

## SERAFIM ANTROPOFAGO

Lauro Belchior MENDES\*

Durante isto Cunhambebe tinha à sua frente um grande cesto cheio de carne humana. Comia de uma perna, segurou-m'a diante da boca e perguntou-me se também queria comer. Respondi: Um animal irracional não come um outro parceiro, e um homem deve devorar outro homem?

Mordeu-a então e disse: Jauára ichê.

Sou um jaguar. Está gostoso. Retirei-me dele, à vista disso.

Hans Staden

De acordo com sua certidão de nascimento, *Serafim Ponte Grande* (2) tem hoje cinquenta e sete anos. Na verdade, como sói acontecer nas terras de Pindorama, as certidões de nascimento são às vezes um pouco mentirosas: de acordo com meus cálculos, *Serafim* deve andar aí pelos sessenta e dois, sessenta e três anos\*\*. Um respeitável sexagenário, portanto. Ou "sex-appeal geanário" (para repetir uma expressão de Haroldo de Campos) que não perdeu seu poder de sedução.

---

\* Docente do Departamento de Literatura - UFMG.

\*\* No *Jornal do Comércio*, na seção "Feira das Quitandas", em 10 de fevereiro de 1927, Oswald de Andrade publicou excertos de *Serafim Ponte Grande*. Ver o estudo introdutório *Desconversa*, de Vera Chalmers a *Telefonema*, 2a. ed., Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1976, (*Obras Completas* de Oswald de Andrade, v. 10)

Quando se fala desse livro, é inevitável verificar seu parentesco com as *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Essas coisas que todo mundo sabe e repete: a fragmentação, o vanguardismo, a ausência de limites entre narrativa e poesia, estilo cinematográfico, etc..., etc... Para mim, apesar dessas inegáveis semelhanças, os dois textos diferem porque o segundo, em ordem de publicação, não vai apenas retomar o primeiro (*Cérebro, Coração e Pavio*), vai também se constituir em outra linguagem, *Serafim* é o livro da linguagem chocante, da descrição de obscenidades, do ponto de vista do respeitável público da época, infeliz e principalmente representado por algumas estrelas do modernismo bem comportado.

A linguagem de *Serafim* está em perfeita consonância com a linguagem proposta pelo *Manifesto Antropófago*:(1) com modificação dos códigos, é claro. A metáfora alimentar do *Manifesto* é substituída no romance, pela metáfora da sexualidade exacerbada. O *Manifesto devora, Serafim copula*. No fundo, o sentido é o mesmo, o da devoração da civilização ocidental, espelhada, no início do livro, em *São Paulo*, no transcorrer do texto, verificada *in loco*, e finalmente, negada e destruída, no retorno utópico às águas matriarcais a bordo de El Durasno.

A questão da historicidade do Brasil é patente na obra de Oswald de Andrade. Pode ser lida de diversos prismas, o da representação mimética da história contemporânea (*Os Condenados*, Marco Zero 1 e 2), ou o da reflexão filosófica da inserção do Brasil no quadro geral da civilização ocidental (*A crise da filosofia messiânica e A Marcha das Utopias*), por exemplo. Os textos literários mais significativos (vou repetir coisas da maior ululância, vocês já sabem)

são *Miramar*, *Fau-Brasil* e *Serafim*. As preocupações com a história brasileira, evidentes e bem marcadas em *Fau-Brasil*, são retomadas nos textos antropofágicos - o *Manifesto* e *Serafim* - com a fúria de um iconoclasta, com sua força demoníaca em devassar os avessos das belas histórias.

Embora em seus escritos seja claríssima a sua leitura de textos fundamentais da história brasileira, sobretudo os do século XVI, de cronistas e viajantes, é impressionante verificar como Oswald de Andrade vai lidar com concepções de civilização ocidental, fazendo-o de uma forma que se pode aproximá-lo dos autores que hoje fazem história através do estudo das mentalidades. Ora, o século XVI é de suma importância quando se pensa no Brasil. Não me refiro, como é óbvio, à questão do descobrimento, mas à viagem da chamada civilização, seu transplante e sua instalação violenta no matriarcado de Pindorama e suas conseqüentes transformações na parte de cá do Equador. Oswald de Andrade tem uma profunda desconfiança dos valores civilizados dessa civilização, colcha de retalhos, que mais se retalha aqui.

Certamente ele não leu *O processo civilizatório*, de Norbert Elias (publicado em 1939, na Alemanha e só traduzido, o primeiro volume, no Brasil, em 1990).(5) O que eu chamo a atenção nesse livro exemplar, é que Norbert Elias não vê o processo civilizacional como algo que conduz a uma finalidade em perspectiva do progresso, e sim como um processo em que hábitos e costumes se modificam (e não evoluem, como poderia sugerir a idéia de progresso). As observações de Norbert Elias são particularmente interessantes quando abordam o século XVI, porque elas apontam claramente (na minha leitura) para a constatação de que, afinal de

contas, a tal civilização transplantada para cá não era tão assim civilizada quanto a mentalidade colonialista nos tentou fazer crer, durante esses quase quinhentos anos de vida civilizada. E isso está claríssimo nos textos de Oswald, principalmente no *Serafim*, que é objeto dessas linhas. Nelas pretendo abordar os seguintes aspectos: a) o processo de construção do romance; b) narrador e personagem; c) a viagem civilizacional às avessas, e d) a instalação simbólica da sociedade antropofágica. Evidentemente esses aspectos vão aparecer no texto de forma complexa e misturada, a minha divisão é arbitrária e tem por finalidade discutir com pretensão de clarez certas obscuridades.

#### A) O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ROMANCE

*Serafim* é antes de tudo uma narrativa moderna. Nada de reminiscências do romance típico do século XIX, de fala moralista, ou psicológica ou de histórias com princípio, meio e fim, cuja trama é construída para concentrar a atenção do leitor. Em *Serafim* a trama tem pouquíssima importância, a linguagem é a sua grande questão. Toda a estrutura, ou ausência de estrutura fixa, se fundamenta na possibilidade de exploração da linguagem: o texto, por assim dizer, flutua diante dos olhos do leitor que em cada parte verifica, surpreso, a mobilidade da construção, feita através de cartas, diários, dicionário de nomes próprios, paródia de narrativas tradicionais (O meridiano de Greenwich, "romance de capa e pistola"), paródia de Miramar na Europa (Cérebro, coração e pavio), etc. Essa mobilidade é o que condiciona o segundo aspecto, a meu ver bem mais importante que o primeiro.

## B) NARRADOR E PERSONAGEM

Muitos críticos confundem Oswald de Andrade com suas personagens, principalmente João Miramar e Serafim Ponte Grande. O próprio Oswald contribuiu muito para aumentar a confusão ao publicar artigos e colocar como assinatura os nomes de Miramar, Serafim ou Pinto Calçudo. De qualquer forma a vida pública do autor era por demasiado conhecida e certos incidentes de sua vida pessoal podiam ser reconhecidos em sua ficção.(9)

Considero, entretanto, de fundamental importância separar as instâncias referentes ao autor, ao narrador e às personagens. Vejamos o exemplo de *Serafim*: existe no livro uma personagem central, Serafim (com seu duplo, Pinto Calçudo), sobre o qual é montada uma estrutura móvel de narrativa, condicionada pela enunciação, que tanto se realiza na primeira ou na terceira pessoas, ou nas duas ao mesmo tempo. O sujeito da enunciação, mesmo quando na primeira pessoa, aponta para outra instância, a do narrador, que semelhante à atividade do diretor no processo de montagem de um filme, "monta" a mobilidade estrutural do texto: ou seja, por detrás da fala do Serafim-personagem há que ser lida a fala mais complexa, antropofágica do narrador. A personagem é pequena, insignificante, mas é através dela que o narrador vai poder construir a sua grande crítica à civilização ocidental. É o narrador que reúne os estilhaços das várias narrativas justapostas, fazendo deles um todo a que pode nomear "romance". É aí que reside a mágica do texto que se entrega "à voracidade branca de uma folha de papel" (2, p.167) para em seguida se entregar à voracidade dos olhos do leitor - destinatário do grande acontecimento do texto: a devoração da civilização ocidental, da qual o Serafim-personagem é

apenas o veículo. Nada de paradoxal.

### C) A VIAGEM CIVILIZACIONAL AS AVESSAS

É bastante conhecido o interesse do europeu a partir dos séculos XV e XVI pelas narrativas escritas por viajantes. Essas narrativas irão cada vez mais destruindo o ceticismo de alguns em relação ao *Livro das maravilhas*, de Marco Polo. Os textos dos viajantes confirmarão a possibilidade da *maravilha* e as narrativas sobre a descoberta do Novo Mundo inspirarão os europeus a construir o seu desejo da utopia. Colombo em sua primeira carta aos reis da Espanha chega a ver sereias:

Ontem, quando o Almirante ia ao Rio del Oro, diz que viu três sereias que saltaram bem alto, acima do mar, mas não eram tão bonitas como pintam, e que, de certo modo, tinham cara de homem.(3, p. 87).

Essas sereias andróginas interessam pouco no relato da descoberta do Novo Mundo, mas apontam para o maravilhoso em que essa descoberta se faz. Os espanhóis querem o ouro e isso faz Colombo entrever sua abundância infinita, o desejo de existência do El Dourado:

Neste dia se trocou diz que pouco ouro; mas o Almirante ficou sabendo, por intermédio de um velho, que havia uma porção de ilhas circunvizinhas, a cem léguas ou mais, *segundo pôde entender*, nas quais nasce muito ouro, e em outras, até dizer-lhe *que tinha ilha que era puro ouro*, e ainda noutras, que têm em tal quantidade, que o recolhem e o passam por uma espécie de peneira e depois fundem, fazem barras e mil labores.(3, p.75).

Muito mais interessante que as sereias barbadas e as cidades de ouro de Colombo, será o discurso de Cortez, o "leitor de signos" (13, p. 95-120), mais concreto, direto, até realista, como na passagem a seguir que revela, a despeito de sua missão civilizatória/destruidora, o encantamento com as maravilhas de Tenochtitlán:

Dentro da grande mesquita há três salas onde estão os ídolos principais, *todas de maravilhosa grandeza e belos trabalhos em cantaria, madeiramento e figuras esculpidas*. Dentro destas salas estão pequenos compartimentos, sem claridade nenhuma, onde ficam alguns religiosos. Ali dentro é que ficam seus ídolos. *Os principais destes ídolos e nos quais eles tinham mais fé eu derrubei de seus assentos e os fiz descer escada abaixo*. Fiz também com que limpassem aquelas capelas, pois estavam cheias de sangue dos sacrifícios que faziam. *Em lugar dos ídolos mandei colocar imagens de Nossa Senhora e de outros santos*, apesar da resistência de Montezuma e de outros nativos, por entenderem que as comunidades se levantariam contra mim. (4, p. 46).

Os textos de Colombo e Cortez são lembrados aqui apenas como ilustração das possibilidades de realização do sonho europeu, ou seja, de se encontrar na América a tão desejada utopia e é muito grande o número de autores espanhóis que escrevem durante o século XVI (6). É igualmente grande o número de autores portugueses ou não, viajantes, colonizadores e jesuítas que escrevem sobre o Brasil. Esses autores foram estudados por Sérgio Buarque de Holanda em

*Visão do Paraíso*, que se tornou um clássico a respeito da colonização portuguesa no Brasil e que recebe citação elogiosa de Oswald de Andrade em *A marcha das utopias* (1, p. 79).

Relembro a literatura da conquista, (12, p. 150) com o objetivo de salientar a implantação entre nós da razão ocidental, no seu duplo aspecto de colonização e de cristianização. Nesse aspecto, a palavra de Cortez é exemplar, na citação de ainda pouco, quando destrói os ídolos astecas e os substitui por figuras emblemáticas do cristianismo.

Se falo da literatura escrita por autores/viajantes do século XVI, é porque a reflexão de Oswald de Andrade - que obviamente não se restringe a esse século - vai apontar sempre para o simbólico da transplantação da cultura europeia para o Novo Mundo. "Contra as sublimações antagônicas, trazidas nas caravelas" (1, p. 17), afirma categoricamente no *Manifesto Antropófago*. A caravela do século XVI se transforma no símbolo da transplantação cultural, da destruição do feliz e solar matriarcado de Pindorama.

A viagem civilizacional às avessas em *Serafim Fonte Grande* começa na parte intitulada No elemento sedativo, início da grande viagem de retorno aos inícios da civilização ocidental. Serafim viaja a bordo de outra caravela, o moderníssimo "Steam-Ship ROMPE NUVE por diversos oceanos" e o capítulo tem como epígrafe o ditado caipira "Mundo não tem portera"; as marcas de caipirismo são no entanto desfeitas, quando vão sugerir justamente (o processo é o mesmo) uma das idéias básicas do *Manifesto Antropófago*: "Tupi or not tupi, that is the question" (10, p. 133)

Antes da viagem, o narrador já se havia valido de Serafim, para demonstrar o

estado da civilização ocidental adaptada aos padrões tropicais. Alguns exemplos essenciais:

1- Sobre o fim do casamento e o abandono do trabalho:

Hoje posso cantar alto a Viúva Alegre em minha casa, tirar meleca do nariz, peidar alto. Posso livremente fazer tudo o que quero contra a moralidade e a decência. Não tenho mais satisfações a dar nem ao Carlindoga nem à Lalá, diretores dos rendez-vous de consciências, onde puxei a carroça dos meus deveres matrimoniais e políticos, durante vinte e dois anos solares.(2, p. 167).

2- Sobre o confronto entre índios e brancos:

E os índios onde os missionários inocularam a monogamia e o pecado original. E os filhos dos desgraçados co'as índias nuas! Vinde! Vinde destroçar as tropas do Governador Geral! Fogo, indaiada de minha terra tem palmeiras(2, p. 169).

3- Sobre o negro brasileiro e suas origens:

Negros martelam metralhadoras. Uma trincheira real onde se digere pinga-com-pólvora! Famílias dinastas d'África, que perderam tudo no eito das fazendas - fausto, dignidade carnavalesca e humana, liberdade e fome - uma noite acordando com as garras no sonho de uma bateria. Viva a negrada! Sapeco fogo!(2, p. 169)

Os três exemplos citados já seriam suficientes para demonstrar a outra face da sociedade brasileira obediente ao pensamento universalizado da civilização ocidental: fala-se contra a moralidade, a decência, o jesuitismo, fala-se da destruição das culturas indígena e negra. Mas isso não é suficiente para Oswald de Andrade. A própria idéia de "livro", "romance", enquanto modelo a ser seguido, tem que ser destruída.\* A própria narrativa o comprova e o fato se torna enfático, quando Serafim expulsa Pinto Calçudo, seu duplo, insisto, da história:

- Diga-me uma coisa. Quem neste livro é o personagem principal? Eu ou você?

Pinto Calçudo como única resposta solta com toda a força um traque, pelo que é imediatamente posto para fora do romance. (2, p. 193).

(SPG, p. 193)

As águas oceânicas trouxeram a civilização ocidental e são as mesmas águas que conduzem a personagem às origens dessa civilização. É aí que toma importância o valor simbólico da viagem. Serafim, na Europa, instala-se na Paris dos anos vinte, frequenta a alta sociedade, deslumbra-se com o avanço tecnológico, vive intensamente sua sexualidade. Como já afirmei no início desse trabalho, a sexualidade exacerbada é em todo o livro uma metáfora da devoração. Serafim devora mulheres, homens, e tudo tem como cenário fundamental a decadência e o vazio da velha Europa. A escrita de Oswald de Andrade se torna particularmente devoradora e reveladora ao glosar Freud e seu assistente, na passagem intitulada Receita, que é

---

\* Não é por acaso que o estudo introdutório de Haroldo de Campos à edição citada se intitula Serafim: um grande não-livro.

motivada pela frigidez sexual de Branca Clara, uma das inúmeras conquistas amorosas de Serafim:

## RECEITA

Ilustre balaústre

Só um acordo com o subconsciente de Dona Branca Clara poderá esclarecer o magnífico negativo que tenho em mãos e revelá-lo. Parabéns pelo monstro que tem em casa. Mande-o.

Sigismundo

Diagnóstico: Dona Branca Clara é uma vítima da cristianização do Direito Romano também conhecida pelo mote de Civilização Ocidental. Seu José, assistente(2, p. 219).

Como se pode observar, a passagem citada está perfeitamente de acordo com o *Manifesto Antropófago*: condena-se a civilização ocidental, porque nela se encontram os males do homem contemporâneo. E deve-se observar igualmente que as relações do narrador do texto com a psicanálise, permanecem um pouco ambíguas. De um lado, uma visão burlesca, de efeito cômico; de outro, a utilização, digamos, positiva da psicanálise na determinação dos problemas ocidentais.

Em *Esplendores do Oriente*, Serafim abandona a Europa e decide ir à Jerusalém. Cada vez mais o discurso do narrador se torna cáustico e antropofágico, sempre na meta da destruição:

Serafim atrás das girls penetrou  
nos mares da História pelas mãos

convulsas dos sopros clássicos,  
acorridos à sua aparição, de dentro  
dos Lusíadas.(2, p. 237).

O narrador se incumbe de desmoralizar o Oriente Médio como fonte de nossa civilização. Por onde passa Serafim, tudo está contaminado pelo ocidente: as línguas faladas, nomes de hotéis, música, hábitos, etc, além de todo o passado cristão ter se transformado em ruínas. O mundo é outro: "A Standart Oil comprara Sodoma e negociava Gomorra para explorar o querosene das punições." (SPG, p.241) Os famosos lugares santos são objeto de disputa do comercialismo internacional e são visitados por burgueses ricos. De acordo com esse espírito, a agressividade do narrador em relação ao catolicismo se torna patente, quando empresta sua voz a um padre que justifica a visão econômica de Deus que escolheu "o país estéril, a fim de não estragar uma Suíça ou uma Itália", (SPG, p. 240). O ponto máximo, entretanto, em que a dimensão antropofágica do discurso do narrador dá a estocada final no catolicismo histórico, aparece neste diálogo de Serafim com dois soldados curdos:

- Não há nenhum Santo Sepulcro...

- Como?

- Nunca houve.

- E Cristo?

O outro esclareceu:

- Cristo nasceu na Bahia.(2, p. 242).

A viagem civilizacional às avessas termina justamente aí: a civilização ocidental é desmascarada, o carnaval tropical é muito mais interessante e propício à instauração da sociedade do bárbaro tecnizado.

## D) A INSTALAÇÃO SIMBÓLICA DA SOCIEDADE ANTROPOFÁGICA

O último capítulo do romance, intitulado *Os antropófagos*, tem uma longa epígrafe, tirada de *A conquista espiritual*, do Padre Montoya.(7) A epígrafe vem justificar, às avessas, o percurso empreendido pelo narrador do texto para dissecar a razão ocidental. Morto Serafim, reaparece Pinto Calçudo (é importante insistir no fato de que o livro não quer contar uma história convencional e de que o autor não tem o menor compromisso com o chamado pensamento lógico, dadaísmo e surrealismo estão do seu lado, a ajudá-lo) e retoma o papel principal. Agora as coisas se passarão numa eterna viagem que jamais terá fim: nas águas oceânicas, o navio *El Durasno* é tomado de assalto e água e navio se transformam no cenário da sociedade antropofágica, uma "sociedade anônima de base priápica", "base do humano futuro" (2, p. 263). Retomando os termos do *Manifesto Antropófago*, a viagem simbólica vai representar a retomada da alegria (que é a prova dos nove) e o retorno tecnizado à sociedade matriarcal de Pindorama, despida dos azares da civilização ocidental. Oswald de Andrade, ao escrever seu texto, usa e abusa de uma linguagem que se aproxima do realismo grotesco (11) pela extrema exploração intencional das chamadas "vulgaridades", principalmente no que diz respeito à sexualidade. O emprego exaustivo das vulgaridades se inscreve no jogo da escrita antropofágica e exige do leitor que elas, as vulgaridades, devem ser lidas como novos signos de um novo sistema semiótico e constituem um meio utilizado por Oswald de Andrade para exprimir sua visão e sua recusa

de modelos sociais e estéticos de sua época.

A reflexão sobre a antropofagia e a utopia reaparecerão mais tarde nos textos *A crise da filosofia messiânica* (1950) e *A marcha das utopias*. Mas aí já é outra história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, O. de Manifesto antropófago. In: -. *Do Pau Brasil à antropologia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. (Obras Completas de Oswald de Andrade, V.6).
2. ANDRADE, O. de. *Serafim Ponte Grande. memórias sentimentais de João Miramar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
3. COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América*. Porto Alegre: LPM, 1986.
4. CORTEZ, H. *A conquista do México*. Porto Alegre: LPM, 1986.
5. ELIAS, N. *O processo civilizatório: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
6. GALEANO, C. Nacimientos. In: \_\_\_\_\_. *Memória del Fuego*. México, DF: Siglo Veintienceno, 1982. V.1.
7. HAUBERT, M. *Índios e jesuitas no tempo das missões*. São Paulo; Companhia das Letras, 1990.

8. HOLANDA, S. B. de. *Visão do paraíso*. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
9. MENDES, L.B. A escrita de um homem sem profissão. *Revista o eixo e a roda*, Belo Horizonte, UFMG, V.4, nov. 1985.
10. MENDES, L. B. As manhas do Jabuti no Manifesto Antropófago. *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*, Belo Horizonte, dez. 84/jan.85.
11. MENDES, L. B. *La représentation de la société brésilienne et la recherche d'un nouveau langage littéraire dans l'oeuvre romanesque d'Oswald de Andrade*. Paris: Université de Paris III (Sorbonne - Nouvelle), 1983. (Tese Doutorado).
12. ROMANO, R. Mecanismos da conquista colonial. *Perspectiva*, São Paulo, 1973. Apud LAS CASAS, F. B. *O paraíso destruído*. Porto Alegre: LPM, 1985.
13. TODOROV, T. Cortez e os signos. In:\_\_\_\_\_. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.